Dr. Pe. Philipp Haeuser

Combate contra o Farisaísmo

Dr. Pe. Philipp Haeuser

Combate contra o Farisaísmo

Discurso nacional-socialista de um padre católico

Proferido em 14 de dezembro de 1930 em Augsburgo pelo
doutor em teologia Philipp Haeuser

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Prefácio

Em 14 de dezembro de 1930, o padre católico e doutor em teologia Philipp Haeuser, estabelecido em Straßberg, perto de Augsburgo, foi convidado a proferir um discurso por ocasião de uma celebração de Natal organizada pelos nacional-socialistas de Augsburgo. Com base em notas estenográficas, torno público aqui esse discurso. Estou convencido de que, assim, sirvo à causa do Partido e, mais amplamente, do Movimento alemão. Espero também prestar um serviço ao próprio orador, divulgando ao povo alemão, por meio da impressão deste texto, suas palavras autenticamente alemãs e autenticamente cristãs. Em defesa do Movimento alemão, pela honra do orador!

Augsburgo, 14 de dezembro de 1930.
Geßwein, responsável regional pela imprensa.

Mensagem Cristã à Alemanha que Desperta

(pelo doutor em teologia Philipp Haeuser)

Os nacional-socialistas de Augsburgo celebram hoje a festa de Natal. Eis um fato. Outro fato é o seguinte: *é um padre católico que, a pedido expresso deles, profere o discurso da celebração*. Esses dois fatos são profundamente entristecedores — entristecedores para os fariseus. Pois estes, estendendo hoje seu domínio no Reich de modo mais poderoso do que nunca, querem, no entanto, fazer passar os partidários de Hitler pelos mais ímpios de todos os nossos compatriotas. E, porque querem afirmar isso apresentando os nacional-socialistas como demônios encarnados, não poderão tirar proveito dos fatos mencionados: nem da celebração de Natal pelos nacional-socialistas, nem do discurso proferido nessa ocasião por um padre católico. Como não poderão usar esses fatos em seu favor, mas tampouco poderiam agora apagá-los da realidade, os fariseus — eternos inimigos da Verdade — sem dúvida procurarão caluniar-me novamente, como já fizeram tantas vezes. Contra esse farisaísmo, tenho, contudo, uma boa arma cristã. Minha arma é a seguinte declaração: “Para Jesus, o farisaísmo era objeto de Seu combate; foi lutando contra ele que Ele quis desenvolver e revelar Sua personalidade excepcional. Também para nós, o farisaísmo é o objeto que devemos combater, e isso a fim de nos mostrarmos dignos de ser discípulos de Jesus neste combate, e de desenvolver e revelar sempre mais a nossa personalidade cristã.” Quem põe em questão esse dever que é nosso de seguir Jesus não conhece Jesus, ou então O nega.

O mais negro e mais selvagem dos povos negros tem o direito de receber a pregação do evangelho de Natal por missionários cristãos. Tenho, portanto, incontestavelmente, o direito e o dever de anunciar o pensamento de Jesus a meus amigos alemães — a esses homens que, em sua luta intrépida contra o bolchevismo, já se dispõem a cada semana, e até quase todos os dias, a pesados sacrifícios sangrentos que os fariseus, sempre relutantes diante de qualquer sacrifício, ocultam do povo alemão.

Aquele que permanece firmemente enraizado no solo alemão e defende com coerência a ideia nacional alemã no âmbito do movimento político ou patriótico é considerado incômodo e perigoso. Pois “o perigo vem da direita”, diz-se na esquerda — mas isso é bradado com voz ainda mais alta no centro político [Zentrum]. E, para que o povo acredite que o Movimento alemão é uma desgraça, e que nós, homens e mulheres alemães — em particular os partidários de Hitler e os membros do *Stahlhelm*[1] — constituímos um perigo, o louvável centro procura fazer o povo acreditar que somos inimigos da religião, do cristianismo, sem refletir sobre o fato de que esse método já — infelizmente! — levou, nos últimos anos, vários milhares dos melhores homens e mulheres alemães, moralmente irrepreensíveis, a abandonar as igrejas. Essa mentira e essa calúnia dirigidas contra nós ressoam de maneira cada vez mais insolente e audaciosa a partir do centro. Incansavelmente, com uma avidez diabólica, atiça-se uma *Kulturkampf*, um conflito religioso, para evidentemente poder depois, uma vez lançada a luta em toda a sua intensidade, afirmar — e mentir — que a direita política, que o Movimento alemão, está na origem dessa *Kulturkampf* e da discórdia religiosa.

Amigos alemães! Nossa festa de Natal é uma resposta magnífica, honesta e contundente a essas mentiras e calúnias. É abertamente, com orgulho e convicção, que celebramos hoje nossa fé na mais admirável e mais nobre figura de chefe que a história da humanidade conheceu. E, para mostrar que de modo algum procuramos imitar estupidamente uma velha tradição popular apenas por hábito, foi confiada a mim, como teólogo cristão, a honrosa tarefa de anunciar-lhes o pensamento de Jesus, Sua personalidade em toda a sua grandeza e profundidade.

Crer em Jesus é crer no poder e na dominação do espírito sobre a matéria. Não é a matéria, não é Mamom que faz a história e dá à humanidade seu valor — seu verdadeiro valor. Se a humanidade deve se desenvolver culturalmente, se o indivíduo quer reconhecer sua dignidade humana e conquistá-la, é preciso que reconheça e compreenda o Espírito — o Espírito supremo — que governa o universo. Para nos tornar possível

1 *Stahlhelm* (lit. “capacete de aço”): organização paramilitar alemã fundada em 1918 e que reunia antigos combatentes da Primeira Guerra Mundial, de inspiração nacionalista, monarquista e antiparlamentar.

esse reconhecimento e essa compreensão, o Espírito supremo, Aquele que governa o mundo e o torna inteligível, encarnou-se na pessoa de Jesus. Na grande figura de Jesus vive o Espírito imenso, Aquele que se mantém por trás de toda existência humana e histórica, e permite sondar e apreender sua essência e seu devir.

Em Jesus, o Espírito supremo Se fez homem para que pudéssemos compreender esta vida terrena, reconhecê-la como obra de Deus e, por esse reconhecimento, santificá-la, assim como todas as suas leis naturais. Por Jesus, tudo o que repousa sobre a lei natural ou sobre a vontade do Criador deve tornar-se sagrado para nós: sagrada é toda a nossa vida natural e nossa experiência da natureza; sagrada é, para os esposos, a vida conjugal em todo o seu devir, seu desenvolvimento e sua essência; sagrada é para todos nós a vida nacional em todas as suas lutas e combates, seus sofrimentos e sua morte.

Essas reflexões e ensinamentos de Natal parecem claros e simples de compreender, e, no entanto, em certos meios, eles não são de modo algum evidentes por si mesmos. Há cristãos que nada sabem sobre isso e não querem saber nada disso por razões ligadas à política de poder.

São numerosos aqueles que falam de Jesus para ensinar: foge e odeia este mundo, renuncia a ele e evita sobretudo a vida étnico-nacional — fruto de um desenvolvimento natural de vários séculos, até milênios! Do mesmo modo que alguns desconfiam da cultura em geral, acabam considerando apenas o reconhecimento e a valorização da vida étnico-nacional e do movimento nacional como uma exaltação do paganismo. É claro que, em relação ao judaísmo, não se faz exceção alguma; aqui, o sentimento de pertencimento étnico e a ênfase na raça são então considerados bons, justos e salutares.

Jesus veio então a este mundo para pisotear esta realidade terrena, a lei natural, a lei do desenvolvimento cultural e a do desenvolvimento étnico-nacional? Nasceu no Natal para ensinar o desprezo pelo mundo? Não, Jesus não veio ao mundo para lutar contra o Criador do mundo e Sua obra grandiosa. Não veio contra Seu Pai celeste, mas por Ele e por Sua obra. Aquilo que o Criador quis ao criar o mundo, Jesus quis ao encarnar-

Se. Sim, Ele quis que o homem — que ainda não compreendia como apreender de maneira sagrada o mundo, suas leis e sobretudo sua evolução — se tornasse, dali em diante, por Sua vinda, capaz de contemplar com olhos divinos a natureza, sua essência e seu devir. Há muitos que se dizem cristãos, mas que não são capazes de perceber como puras e sagradas nem a vida conjugal em seu devir e sua essência, nem a vida étnico-nacional em suas lutas e seus sofrimentos — de olhá-las com os olhos de Deus. Essas pessoas ainda não tomaram parte justa na encarnação de Jesus. E, como ainda não participam dela plenamente, não têm o direito de se elevar acima de nós, que, numa compreensão divina da humanidade e de sua história, seguimos o caminho nacional, étnico, alemão; não cabe a elas nos julgar nem condenar nosso movimento como não cristão e herético.

Objetam-nos que o cristão perfeito não conhece nenhum objetivo alemão, nacional ou étnico, mas apenas Deus e o Reino celeste. Mas, se não tenho o direito de amar e honrar também este mundo, bem como minha pátria terrestre e tudo o que ela sustenta e encerra, nem mesmo com meu pai e minha mãe, então por que Deus me deu este mundo e, por meio de meu pai e de minha mãe alemães, minha pátria alemã? Por que Ele santificou tudo isso por Sua encarnação? O pensamento dos fariseus que nos assoberbam sem cessar com suas críticas e censuras é ímpio, anticristão e pervertido. O tolo sempre foi seu próprio juiz. E também esses fariseus são seus próprios juízes: seu próprio comportamento os condena e nos dá razão. Esses senhores fariseus, que nos condenam sem trégua, amam então apenas Deus e o Céu? Odeiam e desprezam realmente este mundo em tudo? É a nós que eles odeiam, assim como nosso movimento alemão e étnico-nacional; são nossos heróis alemães que eles arrastam na lama por intermédio de Moenius[2] e de seus acólitos. Sim, eles execram o melhor deste mundo, mas há uma coisa que procuram e amam em sua indigna confraternização com os revolucionários e a Revolução: Mamom. E certamente não foi isso que o Salvador santificou por Sua encarnação! Nos círculos farisaicos — como sua imprensa revela frequentemente — rejubila-se com o colapso do povo alemão, com toda

2 Georg Moenius (1890-1953): padre católico alemão e opositor veemente aos movimentos nacionalistas sob a República de Weimar.

essa traição e desonra, com a aflição e a miséria do povo alemão, a fim de poder concluir, nesse lamaçal e nessa imundície, um belo negócio após outro, uma transação brilhante após outra. É isso o desprezo cristão pelo mundo, a fuga cristã para longe do mundo? Teria Cristo assumido a pobreza da existência para permitir agora que, em nome dessa pobreza pregada, os tesouros de Mamom sejam arrancados de um povo sofredor, tudo isso sob um piedoso piscar de olhos? Nossos adversários pretendem ser os únicos a representar o movimento cristão, mas, na verdade, abusam de Jesus e, por seu comportamento e sua política, insultam Sua vida e Seu ensinamento. Até quando Ele ainda será escarnecido pelos fariseus?

Por que o Espírito supremo Se fez homem no Natal? Certamente não para que, em nome de Deus e do Reino dos Céus, desprezássemos este mundo e suas missões, negligenciássemos nossos deveres patrióticos e étnico-nacionais! Deus Se fez homem para nos mostrar que é por meio deste mundo que podemos alcançá-Lo, e como chegar a isso. Sua encarnação ressalta que este mundo e suas leis são o caminho para o Reino celeste. As leis da natureza, as missões e os deveres patrióticos e nacionais têm por vocação e consagração divinas fazer-nos aspirar a Deus em nosso combate e em nossos esforços conformes ao dever, e fazer com que nossos semelhantes reconheçam em Jesus o mais nobre modelo a seguir para esta vida. Aquele que, no desprezo por este mundo criado por Deus e por suas missões, pretende elevar-se diretamente ao Altíssimo, esse sempre fracassou: ou afundou irremediavelmente na lama do farisaísmo, ou perdeu toda consciência de Deus e de Jesus. Amigos alemães! Não fizemos nós mesmos a experiência, justamente como homens patriotas e fiéis à Alemanha, de que não podemos nos elevar ao Altíssimo fora deste mundo, mas somente por meio deste mundo querido e concebido por Deus? Afinal, algo grandioso vive em nós: um santo entusiasmo, uma força ardente, um poderoso impulso para a ação, uma rara disposição ao sacrifício, uma coragem indomável no combate. Até nossos inimigos do centro, que sentem por nós um ódio mortal, sabem que esse espírito poderoso, essa força moral habitam em nós. Eles sabem disso, ainda que não o admitam de bom grado, por ciúme e inveja — pois os fariseus não suportam que haja em nós mais espírito e força do que neles mesmos. Mas como

adquirimos essa grandeza e essa potência? Por desprezo ao mundo, como gostariam os fariseus? Não: por amor e respeito por ele, por sua consagração, por um esforço combativo e corajoso a serviço do povo alemão e da pátria alemã. Seguimos o caminho do mundo, tal como Jesus, o Santificador do mundo, o quis.

Mas o desprezo pelo mundo não é uma virtude cristã por excelência? O Senhor não exige o desprezo pelo mundo, mas, se necessário, a *renúncia* ao mundo — por amor a este —, a renúncia àquilo que ele oferece de mais caro, por amor ao povo e à pátria. Há uma grande diferença entre desprezar o mundo e renunciar a ele: quem despreza o mundo o odeia; quem renuncia a ele não precisa odiá-lo, pode amá-lo. Quem despreza o mundo não faz sacrifício algum; quem renuncia a ele por amor manifesta o espírito cristão do sacrifício e a coragem que o acompanha. Jesus veio ao mundo não para odiá-lo ou desprezá-lo, mas para finalmente renunciar a ele — por amor a ele — por meio do combate e da Cruz. Nossos inimigos, em sua arrogância intelectual e seu pacifismo odiento, confundem constantemente estas duas noções: desprezo pelo mundo e renúncia ao mundo. Nossos soldados da última guerra, tão duramente vilipendiados por Moenius e seus companheiros, esses compreenderam Jesus; compreenderam o mundo tal como Jesus queria que o compreendêssemos. Eles amavam a pátria, amavam o povo alemão, amavam sua esposa e seus filhos — e foi justamente por causa desse amor ardente e apaixonado que partiram para o front, longe da pátria, longe de suas esposas, longe de seus filhos: renunciaram a tudo isso. Era um amor e uma renúncia à maneira de Jesus — um amor tal como Ele o ensinava, uma renúncia tal como Ele a desejava. Essa doutrina que é a Sua, em oposição à moral corrompida dos fariseus, é nossa doutrina alemã, nossa moral patriótica. A grande figura de Jesus representa para nós a seguinte exortação: “Ama o mundo, ama tua pátria, a fim de poder crescer espiritualmente e, neste crescimento, tornar-te digno de outro mundo e de outra pátria!” Quem despreza o mundo à maneira dos fariseus, esse afunda na lama do pecado covarde; como eles, não pensa senão neste mundo; quem — por amor ao mundo — renuncia a ele no duro combate,

amadurece em uma personalidade moral, em uma natureza à imagem de Jesus.

Mas Jesus, o Espírito de Deus encarnado, é também a seguinte exortação: “Ama a paz, mas não temas o combate por ela!” O Natal é a festa da paz, mas não de uma paz pacifista à maneira de Moenius. Jesus nada conhece dessa paz pacifista que, covardemente, deixa tudo ir à deriva e prefere a derrota ao combate. A nós, que somos de direita e seguimos o caminho alemão, os fariseus censuram por não sermos verdadeiros cristãos, porque não somos pacifistas. Pois bem, Jesus não era pacifista e não podia sê-lo. E os próprios pacifistas são os seres mais desprovidos de paz, a tal ponto que não concedem repouso nem tranquilidade a nenhum verdadeiro alemão.

Jesus era de natureza combativa, uma natureza resolutamente voltada para o combate, e mesmo a mais nobre das naturezas combativas. Teria Ele entrado nos conflitos mais duros de Sua vida se tivesse sido pacifista? Jamais! Ninguém O teria perseguido, nenhum judeu Lhe teria feito o menor mal. Jesus queria o combate. Sem combate, Ele jamais poderia ter proclamado a Verdade. Pois a Verdade só se impõe no combate. Jesus não fugiu de Seus inimigos, não concluiu nenhum acordo com eles. Foi procurá-los em seu quartel-general e os desafiou para o combate. Foi unicamente em razão dessa vontade de luta, dessa coragem combativa, que o destino se abateu sobre Ele, que foi flagelado e crucificado. Ele poderia tê-lo evitado, se tivesse desprezado o mundo e Se retirado para a solidão ou para uma vida privada pacífica. A censura extremamente severa que dirigiu um dia a Pedro, quando este quis impedi-Lo de se engajar no combate e de sofrer suas dores, mostra a que ponto Jesus levava a sério o dever de combater. As palavras relatadas pelo Evangelho — mas muitas vezes caladas pelos pacifistas — “Para trás, Satanás!”, foram então pronunciadas por Jesus, o combatente, dirigidas a Pedro, relutante em lutar. Essas palavras amargas também sublinham fortemente que possível dever de combater inscrito na lei natural. E, se Jesus aparecesse hoje na Alemanha, Ele Se apresentaria de novo como um combatente. Tentariam impedi-Lo de falar, mas Ele continuaria a tomar a palavra. Seria proibido

de organizar reuniões, mas Ele continuaria a reunir o povo ao Seu redor. Conheceria em nosso país o mesmo destino que tantos homens alemães direitos, honestos e corajosos no combate.

Sim, Jesus é o homem da paz, mas é justamente por isso que Ele é também o homem do combate. Quem ignora isso nada compreende do cristianismo. Negar isso é negar o Evangelho. É claro que os fariseus não podem admitir a natureza combativa de Jesus, pois, se o fizessem, atacariam a si mesmos. Deixemos, portanto, o pacifismo aos fariseus belicosos. Nós, cristãos alemães, por amor a Jesus, permaneçamos fiéis ao dever de lutar.

Objetar-se-á que a Cruz é, no entanto, um apelo retumbante e solene a renunciar a todo combate e a curvar-se sempre humildemente diante de todos os seus inimigos. Esses hipócritas que ensinam isso e pregam com tanto gosto a Cruz e a humildade, tudo isso para colocar o mundo em suas mãos ímpias com toda tranquilidade e sem entraves! A Cruz de Jesus é precisamente o símbolo de Seu combate impiedoso. A Cruz, esse patíbulo da humilhação, deveria lançar o combatente Jesus na vergonha e na desonra perpétuas, ao mesmo tempo que dissuadia os outros de seguir, como Ele, o caminho do combate. Mas é precisamente esse sinal de vergonha que, contra a vontade dos fariseus, conferiu ao combatente Jesus o domínio sobre todas as grandes personalidades, sobre os espíritos e os pensadores, sobre os honestos pesquisadores e exploradores. De sinal de vergonha, a Cruz tornou-se o sinal da vitória, a vitória em um combate intrépido e incessante. Ela é o sinal da vitória em nossa própria luta, assim como o é para o combatente Jesus. Certamente, os fariseus de hoje também se colocam sob a Cruz, assim como se ajoelham diante de toda grandeza tão logo pensam poder tirar proveito dela. Para eles, a Cruz não é nem um sinal de combate e de vitória, nem um símbolo espiritual, mas uma simples marca comercial. Quando se insere na religião esse espírito comercial sórdido, à maneira dos fariseus e dos pacifistas, despoja-se a Cruz de Jesus de Sua consagração e de Sua dignidade, reduzindo-A ao que Ela foi na origem: um patíbulo sujo e coberto de sangue. Que essas pessoas não compreendam a cruz gamada, penso que se pode perdoá-las. Mas o que é

imperdoável é que compreendam tão mal a Cruz de Jesus que façam Dela um meio vulgar de fazer negócios.

Jesus veio ao mundo para combater e fazer sacrifícios no combate. Um combate bom e nobre também exige sacrifícios. O fariseu, porém, nada sabe de tudo isso. Ele vê no combate apenas brutalidade e baixeza, que essa perfídia se manifesta em seu próprio combate. É por isso que, a exemplo de Moenius, ele não vê no soldado alemão um herói, mas um assassino e um bruto. Nossos soldados eram homens de sacrifício, e, como eles, também queremos estar prontos a nos sacrificar. Pois a disposição ao sacrifício no combate nos dá o direito de invocar Jesus, o grande Sacrificador, nosso Senhor. O sacrifício é nosso dever, o sacrifício é nosso destino. Oferecer sacrifícios no combate é, antes de tudo, um destino alemão. Nestes últimos anos, consentimos em pesados sacrifícios por amor ao povo e à pátria. Os mais duros ainda estão por vir. Para que saibam que compreendo em seu combate como em seu sacrifício, e que me mantenho ao seu lado sem reservas e sem temor, permitam-me evocar um pequeno sacrifício pessoal que me impuseram, entre outros, no ano passado, os fariseus — esses piores inimigos da germanidade e do verdadeiro cristianismo. Como talvez alguns se lembrem, publiquei no ano passado, por ocasião do referendo[3], um apelo contra a submissão por meio do plano Young[4], motivado unicamente por meu amor ao povo alemão em aflição. A imprensa do Partido Popular Bávaro[5] — imprensa do *Zentrum*[6] —, que julgou dever protestar em nome de Deus e da Igreja, declarou que, por esse apelo, eu havia manchado minha batina sacerdotal e que, sob a influência do espírito de Hitler, havia expulsado de meu espírito o espírito de Jesus. Suportei essa grave ofensa à minha honra — cujos efeitos nocivos ainda hoje se fazem sentir nos meios cristãos —, pois essa imprensa, embora

3 Trata-se do referendo de 22 de dezembro de 1929 contra o plano Young.

4 Plano Young: plano adotado em junho de 1929 para reescalonar as reparações de guerra impostas à Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. Ele sucede ao plano Dawes e prevê pagamentos mais sustentáveis, mas por um período mais longo. Na Alemanha, foi percebido como uma humilhação suplementar e um instrumento de sujeição econômica diante das potências vitoriosas.

5 Partido Popular Bávaro (*Bayerische Volkspartei*, ou BVP): partido político ativo principalmente na Baviera entre 1918 e 1933. Nascido da cisão com o *Zentrum* (Partido do Centro), defendia os interesses bávaros no seio da República de Weimar, combinando catolicismo político, regionalismo e conservadorismo.

6 Centro (*Zentrum*): partido político fundado no século XIX para representar os interesses dos católicos alemães, desempenhando um papel influente na vida parlamentar sob o Império e depois sob a República de Weimar, e defendendo um conservadorismo moderado, a defesa da Igreja católica e a cooperação com as instituições republicanas.

finja cristianismo, ignora que cometer uma injustiça é pecado, e que reparar uma injustiça é dever. Mas essa experiência pessoal, e muitas outras que prefiro calar por enquanto, são apenas pequenos sacrifícios diante dos duros combates que travam os grandes chefes alemães — Hitler, Seldte[7], Hugenberg[8] — e suas tropas. Nesses ásperos combates, faço, por assim dizer, apenas o papel discreto e pouco exposto do capelão militar. Muitos deixaram nossas fileiras nestes últimos anos, simplesmente porque os sacrifícios jamais parecem dever acabar. Mas nós, irmãos alemães, nós nos mantemos firmes, continuamos a nos sacrificar, não recuamos. Ameaçam-nos, e as ameaças se tornam cada vez mais insolentes. Mas não cederemos. Lutaremos até conseguirmos, um dia, alcançar nosso objetivo — libertar o pobre povo alemão de sua aflição e salvar a pátria alemã. Esse é o exemplo que Jesus nos dá. Ele quer um combate honesto, quer o sacrifício por amor ao próximo.

Aquele que aceita este mundo com suas leis nacionais e étnicas, que assume o combate e, com ele, o sofrimento, o sacrifício e a Cruz — esse conhece Jesus e tem o direito de celebrar o Natal. Mas aquele que, por necessidade dos negócios, utiliza o pacifismo e, por necessidade dos negócios, de Mamom e do pacifismo, transforma Jesus em um pacifista frouxo e retraído diante do combate — esse apenas finge o cristianismo, desonra Jesus, blasfema e não tem absolutamente o direito de celebrar o Natal. Pode-se falar hoje de um rápido declínio, de uma "mamonização", de uma mercantilização da ideia cristã, em suma, de uma *Kulturkampf* das mais graves no seio do povo alemão. É por isso que nós, de direita, temos a cumprir não apenas pesadas tarefas patrióticas, mas também uma grande missão cristã: uma missão confiada pelo próprio Jesus.

Amigos alemães! Diante de nós estende-se o campo de luta alemão. O solo alemão é — e continuará sendo — o campo de batalha por ideais autênticos da humanidade, por um movimento são, patriótico e étnico-nacional, por uma compreensão viva e pura de Jesus. Animados pelo espírito da mais grandiosa de todas as personalidades, queremos prosseguir

7 Franz Seldte (1882-1947): fundador e chefe do *Stahlhelm*.
8 Alfred Hugenberg (1865-1951): chefe do Partido Popular Nacional Alemão (*Deutschnationale Volkspartei*, ou DNVP), de tendência nacional-conservadora e monarquista.

sem medo o combate. Mantenhamos a cabeça erguida! Que a alegria radiante de Jesus brilhe em nossos olhos! Pela salvação do povo alemão e, por meio dele, pela salvação da humanidade!